

Literatura de autoria indígena brasileira: escritores, escritoras e principais temáticas

Literatura de autoría indígena brasileña: escritores, escritoras y principales temáticas

Letícia Santana Stacciarini

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Pós-doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Professora de Letras do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Catalão (IF Goiano)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0038-8645>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9256864613711100>

E-mail: leticia.stacciarini@ifgoiano.edu.br

Resumo

A literatura de autoria indígena brasileira, por volta da década de 1990, aflora em observância a questões estéticas, culturais, sociais e consiste em um importante instrumento para a difusão de vozes indígenas. Visando também desconstruir preconceitos disseminados ao longo de séculos, Ailton Krenak, Aline Pachamama, Álvaro Tukano, André Baniwa, Ariabo Kezo, Auritha Tabajara, Bino Pankararu, Creomar Tahuare, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Darlene Taukane, Davi Kopenawa, Denizia Fulkaxó, Edson Kayapó, Edson Krenak, Eliane Potiguara, Elias Yaguakãg, Ely Macuxi, Geni Núñez, Estevão Taukane, Giselda Jera, Graça Graúna, Jaime Diakara, Jera G. Guarani, Jerá P. Mirim, Joênia Wapichana, Julie Dorrico, Juvenal Payayá, Kaká W. Jecupé, Kamuu D. Wapichana, Kerexu Mirim, Kezo Ariabo, Leandro Kuaray, Lia Minápoty, Luiz C. Karai, Márcia W. Kambeba, Maria Kerexu, Nankupé Fulkaxó, Naÿ-Niná, Olívio Jekupé, Renê Kithãulu, Roni W. Guara, Rosi Waikhon, Shirley Krenak, Sônia Guajajara, Sulami Katy, Tiago Hakiy, Uziel Guaynê, Vãngri Kaingáng, Wasiry Guará, Wera J. Mirim, Yaguarê Yamã, Ytanajé C. Cardoso, dentre outros, destacam-se como nomes de peso. Por tudo isso, selecionar-se-á parte desses escritores e escritoras, bem como de suas principais temáticas - costumes, conquistas, direitos, memórias, tradições, crenças, espaços, desafios - para que aspectos pertinentes à literatura indígena brasileira contemporânea possam ser pensados e divulgados.

Palavras-chave: Literatura de autoria indígena brasileira; Autores; Temáticas.

Resumen

La literatura de autoría indígena brasileña, hacia la década de los noventa, surge en atención a cuestiones estéticas, culturales y sociales, constituyéndose en un importante instrumento para la difusión de voces indígenas. Con el objetivo de desmontar también prejuicios arraigados a lo largo de siglos, destacan nombres como Ailton Krenak, Aline Pachamama, Álvaro Tukano, André Baniwa, Ariabo Kezo, Auritha Tabajara, Bino Pankararu, Creomar Tahuare, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Darlene Taukane, Davi Kopenawa, Denizia Fulkaxó, Edson Kayapó, Edson Krenak, Eliane Potiguara, Elias Yaguakãg, Ely Macuxi, Geni Núñez, Estevão Taukane, Giselda Jera, Graça Graúna, Jaime Diakara, Jera G. Guarani, Jerá P. Mirim, Joênia Wapichana, Julie Dorrico, Juvenal Payayá, Kaká W. Jecupé, Kamuu D. Wapichana, Kerexu Mirim, Kezo Ariabo, Leandro Kuaray, Lia Minápoty, Luiz C. Karai, Márcia W. Kambeba, Maria Kerexu, Nankupé Fulkaxó, Naÿ-Niná, Olívio Jekupé, Renê Kithãulu, Roni W. Guara, Rosi Waikhon, Shirley Krenak, Sônia Guajajara, Sulami Katy, Tiago Hakiy, Uziel Guaynê, Vãngri Kaingáng, Wasiry Guará, Wera J. Mirim, Yaguarê Yamã, Ytanajé C. Cardoso, entre otros. Por todo ello, se seleccionarán parte de estos escritores y escritoras, así como sus principales temáticas -costumbres, conquistas, derechos, memorias, tradiciones, creencias, espacios, desafíos - para que aspectos pertinentes a la literatura indígena brasileña contemporánea puedan ser pensados y divulgados.

Palabras clave: Literatura de autoría indígena brasileña; Autores; Temáticas.

Data de submissão: 17/04/2024 | Data de aprovação: 30/09/2024

1 Introdução

Tanto o trabalho com a literatura quanto o engajamento pujante dão-se como cerne das movimentações de autores indígenas brasileiros. Seus escritos - os quais começam a ser enxergados há, aproximadamente, duas décadas - mostram a importância de investigar espaços longínquos, resgatados em prol da transformação da sociedade. Nesse sentido, coloca-se que “se inserem no movimento de uma *poética da alteridade*, característica das escritas migrantes, nas quais a experiência do espaço ocupa um lugar central” (Olivieri-Godet, 2017, p. 102, grifo da autora). Com o foco de dissertar sobre esses escritores, nomes e temáticas são selecionados como subsídios de estudo.

Em paralelo a uma apresentação de suas diligências mais significativas, serão explicitadas, por exemplo, narrativas que ampliem as perspectivas e mudem o tradicionalmente imposto, em especial, às crianças. Destaca-se que “a presença desses criadores no cenário literário nacional é um marco: dispensam os intermediários e se tornam porta-vozes de sua gente, assumindo, assim, posição de protagonistas de suas tradições e guardiães da memória ancestral” (Telles, 2011, p. 3). O indígena - “visto, desde a Carta de Caminha, como elemento exótico da terra, [...] indivíduo passivamente convertido ao pensamento religioso dos europeus” (Martha, s/d, p. 324) - agora,

tem publicado cada vez mais obras que refletem aspectos da cultura nacional, buscando, em fontes histórico-culturais diversas, motivos e temas para a renovação de sua produção. Não tem sido diferente o enfoque das questões relativas ao povo indígena do país. [...] Uma das explicações para o afastamento da cultura indígena da europeia e, por contiguidade, da brasileira branca, é a aquisição do código da linguagem escrita do conquistador (Martha, s/d, p. 324).

Diferenças suscitam curiosidades e, ao passo que pareça difícil “poetizar motivos temáticos em sintonia com o interesse e a sensibilidade de quem começa a explorar o mundo” (Cademartori, 2010, p. 38), os textos literários de indígenas brasileiros possibilitam essa identificação. Isso porque perpassam pelas mais plurais temáticas - valorização dos animais, dos mais velhos, das tradições, entre outras - contribuindo no desenvolvimento da individualidade e consciência, tal qual será mostrado.

2 Escritores indígenas e principais temáticas

O decorrer da história é marcado pelo enaltecimento das culturas europeias. Em conformidade com a antropóloga Almeida (2010, p. 18), “em um passado não muito distante, fomos informados” de saberes, culturas, povos, línguas, histórias, mas sem que se experienciasse a diferença. Nos dias de hoje, por outro lado, a comunicação imediata possibilita a promoção de visões e a preservação de lugares de fala antes desprezados, como os de povos originários. Com essa postura,

não estamos mais limitados às narrativas [...] sobre as diferentes sociedades [...] tantas vezes descritas como exóticas, primitivas e esquisitas. Hoje, multiplicam-se as autonarrativas de grupos culturais que se limitavam às traduções e interpretações de viajantes e pesquisadores (Almeida, 2010, p. 18).

Dando seguimento, Eliane Potiguara - ativista, contadora de histórias, docente e empreendedora social - integra o Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (INBRAPI), o Núcleo dos Escritores e Artistas Indígenas (NEArIn), o Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena (ITC) e a Ashoka Empreendedores Sociais. É fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas, graduada tanto em Letras quanto em Educação, e corresponde a uma das 52 brasileiras apontadas para o projeto internacional “Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz”. Seus livros denunciam a coibição, a violência, exaltam a ancestralidade e, ao mesmo tempo, são repletos de poética. Além de outros fatores, destacam-se também por suscitar um eminente espaço à voz da mulher autóctone, uma vez que

a violação aos seus direitos humanos as tem conduzido às mãos de homens corruptos que as seduzem por um prato de comida, por programas ou eventuais promessas, que confundem esse universo feminino, pois essas mulheres têm valores e tradições totalmente diferentes do mundo urbano, envolvente e masculino. Temos como exemplo o caso de algumas mulheres indígenas Yanomami (Roraima), que, há mais de uma década, são conduzidas à prostituição, ludibriadas por soldados ou comerciantes (Potiguara, 2018, p. 26).

Com ênfase à diversidade, obtém-se “uma literatura que expande o seu grito, dos mais excluídos, e tece a esperança de poder refletir os problemas dos povos indígenas e seus descendentes” (Graúna, 2018, p. 13). Então, a bravura desse povo, o qual resiste ao preconceito literário, é explicitada. Em sua obra **A Cura da Terra** (2015), a avó consiste na personagem responsável por viabilizar aprendizados, entretenimento, acalento.

Enquanto isso, Auritha Tabajara - escritora, cordelista, contadora de histórias, atriz, compositora - lança, em 2018, **Coração na aldeia, pés no mundo**. O livro reúne cordéis - “uma narrativa, narra sempre uma história, seja ela real ou não; apresenta em seu discurso uma linguagem coloquial, cotidiana; e [...], mesmo que tenha características da oralidade, ela é difundida a princípio pela forma impressa” (Silva, 2007, p. 14) - com nuances autobiográficas e que fraturam o costume de serem produzidos, em sua maioria, por homens.

Atua como terapeuta holística, e, desde criança, é apaixonada pela escrita. Tabajara também se destaca como a primeira cordelista indígena brasileira, luta contra os preconceitos impostos tanto pelo machismo - “Pois, para a sociedade,/ Fêmea tem nome de santa/ Padroeira da cidade” (2018, p. 9) - quanto pelo racismo, e fala sobre os enfrentamentos nas cidades. Seu livro **Magistério Indígena em versos e poesia**, adotado pela Secretaria de Educação do Ceará, concerne em leitura obrigatória às escolas indígenas do estado.

Escritora, professora, tradutora e pesquisadora, Graça Graúna emerge como outro nome de peso no que diz respeito às produções indígenas brasileiras. De sua autoria, **Flor da Mata** (2014) é um livro de haicais - poemas de origem japonesa com a forma fixa de três versos - sobre o qual explica

que a flor - entre os adereços agora presentes no toré - sugere ao mesmo tempo a leveza e a força que vem da Mãe-Terra; leveza e força que o 'haijin' (fazedor de haikai) também necessita para o haikai acontecer. Pensando assim, espero que este livro seja também veículo de comunicação entre os amantes da poesia, pois, enquanto houver poesia, existirá comunicação entre os 'encantados' e os participantes do Toré (Graúna, 2014, p. 8).

Nessa obra, a vida e os seus ciclos são enfatizados: "O tempo de chegada/ transborda o olhar/ no tempo de partida" (Graúna, 2014, p. 27). Frisa-se que a escrita de Graúna é "tomada como um espaço político de resistência e de autorreconstrução ontológica e antropológica" (Olivieri-Godet, 2017, p. 104). "Pícaros, ícaros:/ crias de um homem submerso/ Brasil, Brazil, brasis" (Graça, 2014, p. 40) exemplifica esse aspecto ao mostrar, principalmente, a pluralidade de brasileiros, como são julgados pela sociedade ("pícaros" pode referir-se a pessoas maliciosas, dissimuladas), além de o quanto sofrem por não se encaixarem em um "padrão" quanto a religiões, cores, idades.

Descendente do povo sateré-mawé, Tiago Hakiy é graduado em Biblioteconomia pela UFAM. Ocupa o cargo de assessor especial na prefeitura de Barreirinha, faz parte do Núcleo dos Escritores e Artistas Indígenas (NEArIn), e, em 2012, vence o Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas. Em **A Pescaria do curumim e outros poemas indígenas** (2015), ele mostra a cultura - "diversidade [...] que se desenvolve em processos históricos múltiplos" (Arantes, 1981, p. 26) - dos indígenas da Amazônia. São apresentadas cinco estrofes rimadas, as quais discorrem sobre as variedades da fauna - "O peixe pirarucu/ É bem maior que o baiacu/ Bem mais gordo que o aracu/ Mais comprido que o tucunaré-açu" (Hakiy, 2015, p. 22) - e dialogam com os elementos visuais.

Tanto no texto verbal quanto no não verbal de **A Pescaria do curumim e outros poemas indígenas**, o peixe se dá como protagonista, ou seja, procura-se "equilibrar, na adaptação, o caráter didático-científico das informações com a liberdade criativa do desenhista" (Cademartori, 2003, p. 58). Nos versos, prevalece a sonoridade que, assim como as informações expostas, apreende a atenção dos pequenos: "O pirarucu é mais bonito que o jaraqui/ Mais charmoso que o tambaqui/ Não tem dentes como os da piranha/ E nem pode ser comido pela ariranha" (Hakiy, 2015, p. 22). Quem nunca viu um pirarucu consegue inteirar-se do assunto.

A água doce, muito estimada pela cultura indígena, aparece - "É o maior peixe do meu rio" (Hakiy, 2015, p. 22) - e não só como habitat ou espaço "meramente factual [...] que não possibilita uma imbricação simbólica" (Borges Filho, 2007, p. 40). Tanto em outros poemas dessa obra - "Banho de Rio", "Cobra-Grande", "O Banquete dos Peixes", "Meu Xerimbabo", "A Pescaria do Curumim" - quanto em excertos de grande parte desses autores, a relação de estreita dependência com o rio está posta.

De forma reiterada, observa-se uma conexão hierática com a pesca (alimento básico dos povos). O curumim, em “Dia de Pescaria”, segue um ritual na busca pelo seu almoço: “Não quer peixe qualquer/ Ele está pescando desde o amanhecer/ [...] Remo no meio da canoa/ Paciência de ariramba/ Sua calma não é à toa/ [...] Desenhou o peixe em seus pensamentos” (Hakiy, 2015, p. 16). A ritualidade dessa prática traduz costumes desconhecidos pelos pequenos que estão fora das aldeias. O respeito ao tempo da natureza é outro ponto forte de diferenciação:

na aldeia, vivem momentos de abundância e podem viver momentos de falta, de ausência de alimento por causa do respeito aos caminhos da natureza que, às vezes, precisa descansar para recompor suas forças e produzir novos alimentos em outros tempos. [...] Desde pequeno se aprende também que há um tempo para que o animal cresça sem ser caçado, sem ser perseguido pelos caçadores e sem que se vá atrás dos peixes quando eles estão no tempo da desova e precisam de recolhimento para seu próprio desenvolvimento (Munduruku, 2015, p. 10).

Na sequência, Olívio Jekupé - morador da aldeia Krukutu, localizada às margens da represa Billings - atua na difusão da cultura indígena, chegando a estar na Europa e em muitos outros locais com esse propósito. Inicia o curso de Filosofia na PUCPR, é um dos fundadores e presidente da Associação Guarani Nhe’e Porã, além de membro do NEArIn. Possui experiências como artesão, músico, professor e tem uma série de obras publicadas. Algumas delas se dão em edições bilíngues, o que contribui também para a divulgação do guarani.

O escritor pontua a importância de respeitar o “lugar de fala”. Não é porque faz parte de um povo indígena que se sente autorizado a falar pelos demais: “não posso criar uma ficção, só imaginar os Xavantes porque eu vi na televisão, nas revistas e daí eu vou criar uma ficção. [...] cada povo, cada etnia, escreve seguindo o pensamento do seu povo” (A LITERATURA, 2020, p. 1). Tem quatro filhos com Maria Kerexu (Kerexu Mirim, Tupã Mirim, Jeguaká Mirim e Jekupé Mirim), e, na parceria deles, escreve **Literatura Nativa em Família**.

A obra, uma das primeiras publicadas por uma família indígena brasileira, apresenta a biografia de cada um dos integrantes, bem como as suas fotografias, histórias, glossários. Leda Cintra, no prefácio, fala sobre os caminhos que eles traçam, assim como a respeito da importância da memória e da escrita. Em algumas passagens, semelhanças com a trajetória do próprio Olívio Jekupé não deixam de ser notadas, e, assim como o protagonista de “O Sonho de Aguara’i” - um dos textos de **Literatura Nativa em Família** - ele “nunca mais ia deixar de escrever” (Jekupé, 2020, p. 47) e tentaria ajudar aos demais detentores da mesma habilidade.

Lia Minápoty, por sua vez, destaca-se como escritora, palestrante e, com ênfase em grafismos indígenas, artista plástica. Nasce, em 1989, na aldeia Yãbetue'y - situada às margens do rio Abacaxis - e pertence ao clã Cukuyegué (que significa “gente da cobra”). É casada com Yaguarê Yamã, com o qual possui seis filhos, e, no ano de 2009, lança seu primeiro livro: **Árvore de carne e outros contos**, em que o mundo natural amazônico se faz presente:

numa distante aldeia da floresta amazônica havia um *malyli* muito sábio. Os moradores das aldeias vizinhas vinham se consultar com ele, pois sua pajelança era fora do comum. [...] — Você é o mais sábio da aldeia, por isso tenho uma missão para você. Quero que vá agora mesmo ao lago Induá. [...] Também peço que leve seus instrumentos de pajelança (Minápoty; Yamã, 2012, p. 14).

Na referida obra, diversos termos desconhecidos apontam para o fato de que o aprendizado bilíngue, o qual inclui a língua indígena, é comum aos povos originários. Fora dessa realidade, em contrapartida, pouco se tem de contato com os inúmeros dialetos e línguas pertinentes a povos originários. Desse modo, em seu encerramento, **A árvore de carne e outros contos** apresenta um glossário para que o leitor tire suas dúvidas acerca de palavras apresentadas no maráguá, assim como aprenda sobre as culturas indígenas brasileiras.

3 Conclusão

Com regularidade, verifica-se a conexão “da assinatura [...] com o nome do grupo do escritor” (Britto *et al.*, 2018, p. 188). Para exemplificar, Ailton Krenak - uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro - pertence ao povo indígena Crenaque ou Krenak, ou seja, “os últimos Botocudos do Leste, vítimas de constantes massacres decretados como ‘guerras justas’ pelo governo colonial. Hoje, vivem numa área reduzida reconquistada com grandes dificuldades” (Krenak, 2014, p. 1). Protagonista de acontecimentos políticos transcendentais, em 1986, é eleito para o Congresso Nacional do Brasil. Não apenas isso, mas atua na elaboração da Constituição Brasileira de 1988.

Frente ao exposto, a partir desses nomes - e de diversos outros - fala-se “na existência de uma produção diferenciada [...], cuja voz autoral pretende assumir a construção da identidade indígena” (Martha, s/d, p. 329). Produção essa que vem recebendo premiações, indicações, além de compor trabalhos acadêmicos, bem como viajar o mundo. Em resumo, a literatura de autoria indígena brasileira se relaciona - conforme Candido (2017, p. 178) ainda pontua - à “complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório”. Muito mais do que instruir, como visto, ela possibilita que o mundo seja enxergado por amplas perspectivas.

Por fim, ressalta-se que as centenas de obras dos mais de setenta escritores indígenas brasileiros promovem ensinamentos plurais e enobrecedores. Isso também aponta para a importância de que essa literatura seja incorporada, também em atenção à Lei 11.645/2008, ao ambiente escolar, pois estimula o pensamento crítico, valoriza a cultura, atua na formação de identidade, suscita o desenvolvimento de empatia, fomenta a diversidade, dentre outras questões.

Referências

- A LITERATURA Indígena tem o Papel de Conscientizar a Sociedade** - Entrevista com Olívio Jekupé por Julie Dorrico (2020). Acesso em: 10 jan. 2020.
- ALMEIDA, Ceíça. Para começar a conversa: a prática do esquecimento. In: MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. São Paulo: E. do Autor, 2010.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à toponímia. Ribeirão Gráfica e Editora: Franca, 2007.
- BRITTO, Tarsilla Couto de *et al.* O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 53, p. 177-197, 2018. Disponível em: <<https://l1nq.com/x6WDR>>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- CADEMARTORI, Ligia. Crianças e Quadrinhos. In: JACOBY, Sissa (Org.). **A Criança e a Produção Cultural**: do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 6. ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2017.
- GRAÚNA, Graça. **Flor da mata**. Ilustrações de Carmen Barbi. Belo Horizonte: Peninha Edições, 2014.
- GRAÚNA, Graça. Identidade indígena: uma leitura das diferenças. In: POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.
- HAKIY, Tiago. **A Pescaria do curumim e outros poemas indígenas**. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Panda Books, 2015.
- JEKUPÉ, Olívio. O Sonho de Aguará'i. In: JEKUPÉ, Olívio et al. **Literatura Nativa em Família**. Ilustrações de Pedro Miri Delane. São Paulo: Cintra, 2020.
- KRENAK** (2014). Disponível em: <<https://shre.ink/8GeB>>. Acesso em: 15 abr. 2020
- MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Autoria Indígena na Produção Infantojuvenil Contemporânea**. Disponível em: <<https://encr.pw/iZHAY>>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- MINÁPOTY, Lia; YAMÃ, Yaguarê. **A árvore de carne e outros contos**. Ilustrações de Mariana Newlands. São Paulo: Tordesilhinhas, 2012.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Graça Graúna: a poesia como estratégia de sobrevivência. **Interfaces Brasil/Canadá**. v. 17, n. 3, p. 101-117, 2017. Disponível em: <<https://encr.pw/GrWq4>> . Acesso em: 15 maio 2018.

POTIGUARA, Eliane. **A cura da terra**. Ilustrações de Rogério Soud. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Xilografias de Regina Drozina. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2018.

TELLES, Tenório. Apresentação. In: GUARÁ, Roni Wasiry. **Çaíçú Indé**: o primeiro grande amor do mundo. Ilustrações de Humberto Rodrigues. Manaus: Editora Valer, 2011.